



A MULHER NEGRA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: representatividade e resistência na Escrivivência de Conceição Evaristo

Ishangly Juana da Silva, Mireile Silva Martins, Maria Aparecida Augusto Satto Vilela
Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia
ishanglypetg@gmail.com, mireile-silva@hotmail.com, cidasatto@ufu.br

1. Introdução

O presente trabalho trata do relato de experiência de uma oficina pedagógica voltada à comunidade acadêmica, intitulada “A mulher negra na literatura afrobrasileira: representatividade e resistência na escrivivência de Conceição Evaristo”, realizada no primeiro semestre do ano de 2018, na Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal, como parte das atividades do PET - Programa de Educação Tutorial - (Re) Conectando Saberes, Fazeres e Práticas rumo à cidadania consciente. Esse Programa tem como princípios desenvolver o ensino, a pesquisa e a extensão, proporcionando aprendizagens e diálogos com grupos populares, propiciando assim, a construção de cidadania e fortalecimento de suas pertencas identitárias (PET, 2018).

A proposta da oficina originou-se inicialmente, pela participação de uma das autoras proponentes deste texto no evento “III Seminário *MILBA* – Historiografia, Crítica e Escrivivências nas Literaturas de Autoria Feminina” no ano de 2017, realizado no Campus da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE, na cidade do Recife. As homenageadas do referido seminário foram as escritoras Conceição Evaristo e Constância Lima Duarte. As vivências e discussões propostas pelo evento possibilitaram problematizar a condição histórica de silenciamento literário a que as mulheres, e em específico as mulheres negras, foram submetidas. Sendo assim, a iniciativa de instigar o diálogo sobre essas questões se deu por compreender que a universidade tem um importante papel na construção de uma sociedade menos machista e racista, no sentido de não invisibilizar as produções literárias de mulheres negras, que foram retiradas dos lugares de destaque e de produção do saber.

Tal proposta se desenvolveu no intuito de enaltecer e conhecer um pouco mais sobre o universo da escrita literária de autoria feminina; sobretudo, esta oficina se propôs a trabalhar a



escrita de Conceição Evaristo em uma de suas obras intitulada “Olhos d’água”, livro de contos lançado em 2016. A atividade buscou mostrar a relevância da linguagem literária enquanto forma de representatividade e resistência, além da reflexão sobre o local de fala de autoria feminina negra, dentre outras questões que perpassam o cotidiano e as lutas das mulheres negras brasileiras. Dessa forma, tal atividade objetivou trabalhar também, por meio do livro citado, a obstinação da mulher negra, problematizando as denúncias sociais, educacionais, de gênero, dentre outras, que a autora apresenta em seus contos.

Para o planejamento da oficina e construção deste texto, respaldou-se teoricamente em Evaristo (2005; 2009), Ribeiro (2017), Navarro e Schmidt (2007), dentre outras. Tais autoras contribuíram para construir-se outros pontos de vista a respeito da literatura afro-brasileira, de como problematizar a invisibilidade de certos lugares de fala, dentre outras questões.

Acredita-se que tal atividade contribuiu para se pensar nos saberes produzidos pela universidade, na legitimidade de lugares de fala historicamente silenciados e por vezes negados, além da construção de um olhar crítico e reflexivo que compreende a pluralidade e a qualidade de produções literárias de autoria feminina negra, tendo em vista a relevância na construção de visões de mundo pautadas em outras perspectivas discursivas.

2. Desenvolvimento

Refletir sobre a mulher negra no contexto da literatura é compreender que estas mulheres assim o fazem, muitas vezes, reescrevendo suas histórias. Em uma sociedade na qual as epistemologias são construídas a partir de uma perspectiva única, que é a branca, ocidental e patriarcal, pensar a mulher na literatura e a legitimação de suas produções já é por si só uma problemática posta, uma vez que na cultura literária, a hegemonia branca e patriarcal não consegue fazer reconhecimentos básicos, colocando a mulher à margem, por vezes, silenciando-a. Sobre essa questão, é necessário questionar a quem foi permitido ter voz nesse modelo de colonização, a quem foi permitido falar, no sentido político do termo, considerando-se os moldes que pautaram a construção social brasileira (RIBEIRO, 2017). Ainda sob essa perspectiva,

A cultura literária constitui parte integrante do campo cultural e seu desenvolvimento foi, até há pouco tempo, regulado e controlado ideologicamente pela hegemonia patriarcal e seus pressupostos sobre diferenças assimétricas e



III CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

Vozes da diversidade

hierárquicas de gênero, o que significa dizer que as mulheres que atuaram, no passado, no campo das letras, ficaram à margem da literatura, esquecidas e silenciadas nas histórias literárias. Nesse sentido, uma visada crítica às culturas literárias nacionais ilumina as conexões entre cultura e poder, entre instituição intelectual e dominação, entre privilégio e exclusão. (NAVARRO; SCHMIDT, 2007, p. 85).

Pensar em uma escrita afro-brasileira no campo literário, passa pela compreensão de que as produções trazem contextos inerentes às subjetividades de mulheres e homens negros/os brasileiras/os, dando a elas um caráter particular (EVARISTO, 2009). Nessa perspectiva, salienta-se que “[...] os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitas/os negras/os na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua” (Ibid, p. 27).

Ao falar sobre o fazer literário negro feminino, Conceição Evaristo atribui “o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida” (EVARISTO, 2005, p. 54). A autora cunha o conceito de escrevivência, que, segundo ela, trata-se da “[...] escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (EVARISTO, 2007, p. 20).

No que se refere às mulheres negras na literatura, estas historicamente têm trilhado um caminho de resistência por meio da escrita. Tem-se figuras negras femininas desde o século XIX, como Maria Firmina dos Reis e, no século XX, como Carolina Maria de Jesus, que produziram seus trabalhos em diferentes momentos da literatura nacional por um viés de literatura afro-brasileira. Tendo como realidade este contexto de busca por espaço e legitimidade. Nesse sentido,

[...] ao assumir sua voz -mulher, as escritoras afro-brasileiras ampliam o significado da escrita feminina brasileira, revelando uma identidade- mulher que não é mais o “outro” dos discursos. Afirmam uma identidade -mulher -negra que revela que sempre esteve lá, no “lugar do silêncio”, dentro do outro silêncio mulher- branca, na singularidade e na subjetividade da experiência única de ser mulher negra no Brasil, que, em seus vários aspectos, é contemplada pela criação dos textos literários, enfocando os mais diferentes aspectos, expondo a complexidade que reveste o ser Mulher na sociedade brasileira. (ALVES, 2010, p. 186, grifos da autora).

Pautando-se nessa perspectiva, o desenvolvimento da oficina se deu em três momentos. Inicialmente separou-se as participantes¹ em dois grupos de três, sendo entregue a

¹ Não houve inscrição de participantes homens.



III CONGRESSO ÉTNICO RACIAL

Vozes da diversidade

estes um conto do livro “Olhos d’água”. Os contos selecionados foram “Olhos d’água” e “Quantos filhos Natalina teve?”. Após a leitura dos contos, orientou-se que levantassem as “denúncias” que estavam sendo feitas pela autora, considerando a subjetividade do seu local de fala. Após isso, propôs-se um momento de diálogo com o intuito de problematizar alguns aspectos, tais como: Que papel social é ocupado pela personagem apresentado no conto? Como pensar a escrita de autoria feminina negra, a partir do conto lido?

Na sequência, foi proposta a produção de um material que pudesse sintetizar todas as questões apresentadas, e que expressasse também, algumas inquietações a partir da leitura dos contos. Após uma reflexão coletiva sobre as percepções e problemáticas levantadas nos textos, as participantes produziram um cartaz como forma de sintetizar as discussões realizadas ao longo da oficina. As sínteses apresentaram as marcas que cada participante inferiu perpassar a vida das personagens do conto lido, por meio de palavras chave como “resistência”, “vida-morte”, “reivindicação”, “relações cíclicas”, dentre outras.

O fato de haver apenas mulheres na atividade imprimiu a esta um caráter singular, uma vez que problematizar lugares de fala passa também pela definição de onde se fala e de quem está falando, considerando-se que a categoria mulher não pode, nem deve ser universalizada, uma vez que mulheres brancas e negras vivenciam o gênero de diferentes maneiras (RIBEIRO, 2017). É necessário assinalar que “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequentes da hierarquia social.” (Ibid., p. 64). Ao trabalhar a partir de contos que evidenciam mulheres negras na sociedade brasileira, possibilitou-se a análise de uma condição de existência específica, considerando as violências interseccionais nas quais as opressões se estruturam.

3. Conclusão

Compreende-se que a oficina realizada contribuiu significativamente para problematizar-se a invisibilização histórica de autoras negras e suas obras. Tal apontamento serve para refutar as estruturas de opressão nas quais nossa sociedade se pauta, deslegitimando e inferiorizando o local de fala de certas/os sujeitas/os (RIBEIRO, 2017).



Ressalta-se que essas questões precisam estar cada vez mais presentes no âmbito da educação básica e superior, uma vez que é, em grande parte, responsabilidade das escolas e universidades públicas contribuir na construção de uma sociedade menos racista, machista, e mais plural, considerando todos os tipos de saberes produzidos.

Contudo, enfatiza-se ainda, a necessidade e a urgência de trabalhar a literatura afro-brasileira em diversos âmbitos sociais e educacionais, pois a mesma rompe com uma possível imparcialidade da literatura em si. Por meio dela, é possível trazer para o campo de disputa epistemológica a vivência, as denúncias, as especificidades, a luta que historicamente as mulheres negras têm construído, além, de um olhar interseccional para a estrutura complexa de opressões emergentes na sociedade brasileira. Desta forma, reitera-se a relevância de atividades e produções que possuem caráter, acima de tudo, político, uma vez que, as escritas fazem parte de uma voz que é coletiva, e que representa grupos sociais subalternos que são silenciados.

Referências

ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil – pensando a existência. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN)**. V.1, n. 3 – Nov 2010 – fev. 2011. p. 181-189. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/280/261>> acesso em: 14 nov. 2018.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

_____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>> acesso em: 09 março 2018.

_____. Gênero e Etnia: uma escre (vivência) de dupla face. In: BARROS, Nadilza Martins de; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia, 2005.

NAVARRO, MárciaHoppe; SCHMIDT, Rita Terezinha. A questão de gênero: ideologia e exclusão. In: 2º Congresso sobre a Mulher, Gênero e Relações de Trabalho, 2007. Goiânia: Instituto Goiano do Trabalho, 2007, p. 85-96.



PET (Re) Conectando Saberes, Fazeres e Práticas rumo à cidadania consciente. Quem somos?
Disponível em: <<https://inscricoespetrecon.wixsite.com/reconectandosaberes/quem-somos>>.
Acesso em: 28 set. 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
Feminismos Plurais.